

Jornalismo, educação e transformação social: os programas MS Rural e Globo Rural na abordagem de causas ambientais¹

Tarcísio Saldívar SILVEIRA²

Greicy Mara FRANÇA³

Maria Luiza CÁCERES⁴

Débora Alves Pereira CABRITA⁵

Lynara OJEDA⁶

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS

Resumo

O objetivo desta pesquisa é analisar de que maneira o Jornalismo Ambiental está presente nos programas MS Rural, da TV Morena, afiliada da Rede Globo em Mato Grosso do Sul - MS e Globo Rural, programa nacional da emissora. A proposta é quantificar o espaço dado às questões voltadas à sustentabilidade nos âmbitos local e nacional e analisar a visibilidade de Mato Grosso do Sul no Globo Rural. Foram analisados os programas veiculados entre janeiro e abril de 2016 e os dados permitem concluir que há espaço para as causas ambientais nos programas estudados, mas que MS não participou com este conteúdo no período da amostra. Os resultados, ainda parciais da pesquisa que está em andamento, levam a uma reflexão sobre a construção social da realidade promovida pelos meios de comunicação sobre o agronegócio e o meio ambiente.

Palavras-chave: Meio Ambiente; Jornalismo; Globo Rural; MS Rural; Comunicação.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho traz análises e reflexões feitas com base nos resultados parciais de uma pesquisa desenvolvida no curso de Mestrado em Comunicação da UFMS. O projeto pretende analisar a inserção do Jornalismo Ambiental no programa MS Rural da TV Morena, Afiliada da Rede Globo em Mato Grosso do Sul e no programa Globo Rural, da

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Curso de Mestrado em Comunicação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, email: tarcisiosalsil@hotmail.com.

³ Professora Doutora do Curso de Mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, email: greicymara@hotmail.com

⁴ Mestranda do Curso de Mestrado em Comunicação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, email: malucaceres@hotmail.com.

⁵ Mestranda do Curso de Mestrado em Comunicação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, email: deboracabrta@hotmail.com.

⁶ Mestranda do Curso de Mestrado em Comunicação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, email: lynaraojeda@gmail.com.

Rede Globo. Os dados da pesquisa exploratória serviram para ancorar as discussões deste artigo.

A comunicação e a agricultura participaram de forma decisiva das mudanças socioculturais que construíram a história da humanidade. Desde os grunhidos e gestos repetidos pelos homens das cavernas, as pinturas e gravuras rupestres, a escrita e tantas outras formas, a comunicação evoluiu em escala imensurável. A agricultura também foi um marco para transpor períodos históricos. Foi com a descoberta e domínio das técnicas que o Homem parou de andar de um lado para o outro a procura de alimento. De acordo com pesquisadores, as cidades surgiram a partir do agrupamento de pessoas para produzir alimentos (MAZOYER, 2010, p. 104).

A comunicação e a agricultura foram protagonistas de revoluções. As duas transformaram-se, também, em decorrência de outras revoluções, principalmente a industrial e a tecnológica (MAZOYER, 2010). A comunicação virou objeto de pesquisa. Teóricos do mundo todo se dedicaram a questionar e entender este fenômeno. O jornalismo ganhou espaço e passou a fazer parte da sociedade e da construção dela. No mundo, e mais tarde no Brasil, ela se dividiu em segmentos, se especializando nos assuntos mais relevantes como: economia, política, cultura, entre outros. Rendido à vocação agrícola do país, o jornalismo buscou se especializar também na área rural. O Jornalismo Rural relaciona-se às formas de se comunicar com cientistas, produtores e economistas, fruto da proporção que tomou a agricultura no país.

A produção de alimentos virou uma questão social, cultural, econômica e, principalmente, ambiental em todo o mundo. O Brasil se transformou em um dos maiores produtores agropecuários do mundo, e a previsão do Ministério da Agricultura é de um crescimento significativo nos próximos dez anos.

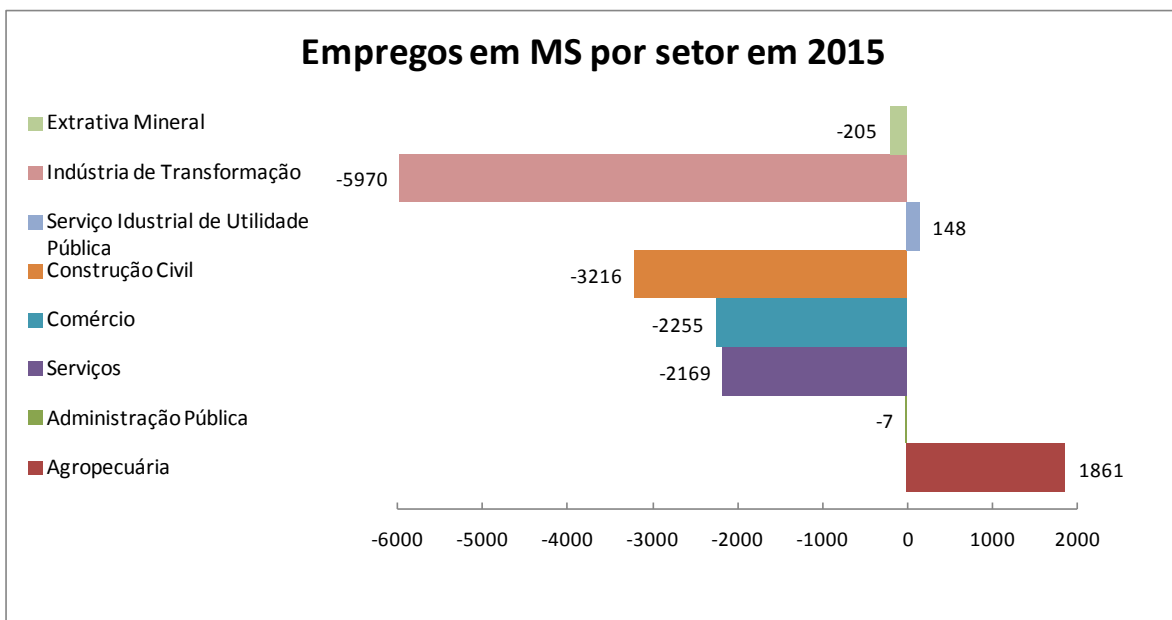
A produção de grãos deverá passar de 200,7 milhões de toneladas em 2014/2015 para 259,7 milhões de toneladas em 2024/25. Isso indica um acréscimo de 59,0 milhões de toneladas à produção atual do Brasil. Mas no limite superior, a projeção para o final do período pode resultar numa produção de 301,3 milhões de toneladas. Nesse caso o aumento de produção em relação a 2014/15 seria de 50,1% (BRASIL, 2015, p.1).

A pecuária, a suinocultura e a criação de aves devem ser intensificadas consideravelmente. Segundo as projeções do Ministério da Agricultura, “A produção de carnes (bovina, suína e aves) em 2024/25 em relação a safra de 2014/15 deverá aumentar

em 7,9 milhões de toneladas. Representa um acréscimo de 30,7% em relação à produção de carnes de 2014/2015” (BRASIL, 2015, p.1). De acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB, 2016) o volume de exportações de carne no Brasil deve aumentar 8% em relação ao ano passado, alcançando o volume recorde de 7,086 milhões de toneladas.

Em 2015 o PIB (Produto Interno Bruto) de Mato Grosso do Sul foi de 61,1 bilhões de reais. A agropecuária movimentou 17,72% deste valor (FAMASUL, 2016). Mato Grosso do Sul está entre os quatro maiores produtores de carne do país, com pouco mais de 21 milhões de animais, de acordo com o IBGE (2014). Segundo informações da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB, 2015), o estado é o quinto maior produtor de grãos do Brasil, com pouco mais de dezesseis milhões de toneladas no ano passado. Os números do Ministério do Trabalho e Emprego (2016) mostram que, em 2015, em Mato Grosso do Sul, apenas dois setores tiveram saldo positivo na geração de empregos: a agropecuária com 1.861 postos de trabalho e de serviços industriais de utilidade pública, com geração de 148 vagas. Todos os outros registraram saldo negativo. Na balança entre contratações e demissões o saldo foi negativo em 11.813 vagas, conforme gráfico abaixo.

Autora: Eloise Saldívar Silveira



FONTE: MTE-CADASTRO GERAL DE EMPREGADOS E DESEMPREGADOS-LEI 4923/65

Analisando a importância da agropecuária para a economia do estado, o Jornalismo Rural tem a missão de aprimorar suas técnicas e de aprofundar a sua cobertura para cumprir a missão de informar, denunciar, sugerir e cobrar. Junto a essa responsabilidade surge, também, o dever de agregar, cada vez mais à sua abordagem, critérios de sustentabilidade.

O setor é extremamente dependente dos ciclos naturais, portanto dependente, também, de uma boa relação com o meio. Com isso, o Jornalismo Ambiental tem, entre suas principais missões, a de transmitir informação e promover a educação ambiental (BUENO, 2007, p. 33). Tudo isso é indispensável para que as atividades econômicas no campo se desenvolvam em equilíbrio com a natureza.

No contexto da importância da educação, a TV participa como uma grande aliada dos Jornalismo Rural e Ambiental. Além do alcance, a imagem e o som permitem que as informações cheguem de forma dinâmica.

[...] a TV, na condição de meio de comunicação social, ou de uma linguagem audiovisual específica ou ainda na condição de simples eletrodoméstico que manuseamos e cujas imagens cotidianamente consumimos, tem uma participação decisiva na formação das pessoas, na própria constituição do sujeito contemporâneo. Pode-se dizer que a TV, ou seja, todo esse complexo aparato cultural e econômico — de produção, veiculação e consumo de imagens e sons, informação, publicidade e divertimento, com uma linguagem própria — é parte integrante e fundamental de processos de produção e circulação de significações e sentidos, os quais por sua vez estão relacionados a modos de ser, a modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida (FISCHER, 2003, p. 15).

Diante da importância da agropecuária para Mato Grosso do Sul, da responsabilidade do Jornalismo Rural de acompanhar a evolução do setor, da missão do Jornalismo Ambiental de atuar nas questões sustentáveis, e, por fim, da fundamental participação da TV no processo de comunicação, este trabalho propõe uma análise da produção do MS Rural, programa veiculado pela TV Morena, afiliada a Rede Globo em Mato Grosso do Sul e o Globo Rural, programa veiculado em rede nacional pela TV Globo.

2 JUSTIFICATIVA

A agropecuária torna-se objeto de estudo para diversas áreas. É impensável, portanto, distanciar o Jornalismo de qualquer assunto relacionado a ela. Diante desse fato, as pesquisas em comunicação relacionadas ao tema também precisam avançar. É necessário avaliar a inserção do Jornalismo Ambiental no Jornalismo Rural e entender de que forma esta relação é estabelecida.

O agronegócio brasileiro vem colecionando recordes de produção e produtividade. Com a chamada “revolução verde”, que baseia a evolução do setor no uso de plantas geneticamente modificadas, uso de tecnologias e insumos como fertilizantes e agrotóxicos, tornou-se um dos maiores produtores de alimento do mundo. Mas este modelo traz uma carga de preocupação que envolve várias áreas da ciência. Muitas são as instituições que se dedicam a analisar os impactos causados por este modelo.

O Brasil é o país que mais utiliza agrotóxicos no mundo. De acordo com a, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa (2015), nos últimos quarenta anos, a utilização de agrotóxicos aumentou 700% no país. Mato Grosso do Sul está entre os seis estados brasileiros que mais fazem uso desses produtos. E os efeitos já são evidentes:

Em relação ao nitrato⁷ de origem agrícola, um levantamento realizado junto às universidades e instituições de pesquisa do Centro-Oeste, mostrou que todos os trabalhos encontrados fazem referência ao nitrato de origem urbana, destacando sua ocorrência em diversos cursos d’água que passam pela sede de vários municípios. Também existem relatos a partir de levantamento da ocorrência de nitrato nas águas já tratadas pelos sistemas de saneamento dos estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (GOMES; BARIZON, 2014, p. 35).

Quando o assunto é desmatamento, o Estado também ocupa posições preocupantes. De acordo com a Fundação Mata Atlântica (2015), MS está entre os seis que mais derrubaram remanescentes de Mata Atlântica no país. O município de Juti, no sul do Estado está entre as dez cidades que mais devastaram o bioma. O instituto SOS Pantanal (2015), também alerta sobre o avanço da soja no Pantanal. Na vitrine dos pontos polêmicos da agricultura no Estado ainda é possível citar o avanço da cana-de-açúcar e seus efeitos sobre o meio ambiente.

⁷ Estudos apontam que o excesso de Nitrato na água é preocupante, pois está associado a doenças em recém-nascidos e, em adultos, está relacionado a casos de câncer de estômago e de mama em mulheres.

A criação de gado, que representa cerca 30% de Produto Interno Bruto, também está no centro das discussões sobre meio ambiente. O setor tem aumentado, de maneira preocupante, a emissão de gases que causam o efeito estufa (SOS Pantanal, 2015).

Diante de tantas preocupações, a informação e a educação são fundamentais e precisam chegar ao campo. A televisão é, sem dúvida, um dos principais meios para se comunicar com a população rural. Os dados mais atualizados do IBGE (2014) demonstram a evolução do acesso a TV no campo. Em 2004, dos 91 mil domicílios da zona rural de Mato Grosso do Sul pesquisados, em 73 mil havia aparelho de TV e em 18 mil não. Em 2014, dos 96 mil domicílios pesquisados na zona rural do estado, 91 mil possuíam TV e em apenas 5 mil não existia o aparelho (IBGE, 2014). Esses números mostram como a TV atingiu o público rural de forma muito mais abrangente na última década. Se a TV é o meio, o Jornalismo Rural é o canal direto pra interagir com o público alvo. Programas jornalísticos rurais estão na grade da TV aberta brasileira há décadas. O Globo Rural e o MS Rural, dois programas pioneiros na TV brasileira e sul-matogrossense, serão objetos desta análise.

2.1 O Globo Rural

O Globo Rural, da Rede Globo, está no ar há 36 anos. Durante 14 anos teve uma versão diária, mas perdeu espaço na grade e voltou a ser um programa semanal. Segundo Mourão (2013, p.51), “Retrata o universo do campo, apresentando notícias que interessam ao agricultor, como a previsão do tempo, eventos sobre agropecuária, receitas e dicas de tratamento de espécies animais e vegetais”. Muitos jornalistas passaram pela apresentação do programa, que hoje é apresentado por Helen Martins e Nelson Araújo. A linguagem do programa é considerada coloquial, bem como o estilo de roupa dos apresentadores para criar identificação com o público. Além dos jornalistas, o Globo Rural conta com uma equipe técnica de profissionais especialistas das áreas ligadas ao campo para a produção de conteúdo.

2.2 O MS Rural

Em Mato Grosso do Sul, o MS Rural da TV Morena, afiliada da Rede Globo, é um dos pioneiros e mais tradicionais especializados em rural no Estado (MOURÃO; OTA, 2012). O programa é semanal e está no ar desde 1984, chegando a um público plural. O primeiro apresentador foi o jornalista Osmar Bastos, um dos criadores do programa. Hoje, quem está à frente do MS Rural é o jornalista Edevaldo Nascimento. O programa trata de assuntos voltados ao campo e suas conexões com a cidade.

O programa tem sua importância no histórico da imprensa sul-mato-grossense, pois durante anos divulgou o homem do campo no Estado do Mato Grosso do Sul. O programa norteia sua pauta à diversificação da agropecuária, valorizando e educando as boas práticas no campo e incentivando a adoção de novas tecnologias. A cultura regional, com ênfase para as receitas culinárias, tem sido destaque nas edições divulgadas, assim como o enfoque econômico também é muito explorado (MOURÃO, 2013 p. 51).

3 OBJETIVOS

O projeto pretende analisar a inserção do Jornalismo Ambiental nos referidos programas. O estudo pretende traçar um comparativo entre o programa regional e o local com base no tempo destinado ao jornalismo ambiental em cada um, além de outros objetivos específicos citados a seguir.

3.1 Quantificar o espaço dado ao Jornalismo Ambiental nos programas local e nacional;

3.2 Quantificar a visibilidade do Mato Grosso do Sul no programa nacional;

3.3 Relacionar os temas que levaram o Estado a ganhar espaço no programa nacional.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A relação entre o homem e a natureza mudou com o passar do tempo, com o dinamismo das sociedades, com o advento da tecnologia com as novas configurações globais, sejam elas econômicas, culturais ou políticas. Desde a idéia ancestral de representação divina, passando pelo entendimento da natureza como um sistema vivo, ou

ainda, do ambiente como fonte de satisfação para os anseios do homem, essa relação sempre demandou atenção especial das várias formas de conhecimento com a religião e a arte.

A aproximação entre a ciência e a natureza trouxe novos elementos para a discussão. As conseqüências de processos exploratórios intensos estão refletindo na qualidade de vida e colocando em risco a existência da vida de muitas espécies, inclusive a humana. Muitas são as abordagens das áreas das ciências humanas e sociais que buscam ora, problematizar, ora, elucidar os fatos que envolvem essa complexa relação. Este trabalho busca em elementos da psicologia social, conceitos de representação social e em suportes da teoria do conhecimento, fundamentos para discutir o papel da mídia na promoção da educação ambiental e sua participação na construção social da realidade.

A comunicação, fundamental para análise de qualquer cultura e sociedade é um instrumento de modificação, individual e coletiva. Para Lane (2004 p.32) “[...] homem ao falar transforma o outro e, por sua vez, é transformado pelas conseqüências de sua fala”. Quando essa comunicação acontece por intermédio de meios de ampla divulgação essa transformação é potencializada. Os meios de comunicação exercem uma influência determinante na construção social da realidade.

[...] los médios de comunicación forman um relevante universo simbólico y cultural para los hombres y lãs mujeres de nuestro tiempo, se han configurado como uma importante forma de adquisición de conocimientos, um importante modo de comunicación social y sobre todo son El lugar adecuado para El debate público de tipo ideológico y político. (RODRIGUEZ, 2004. p.139).

Ao selecionar os assuntos e a maneira com que serão veiculados, os meios de comunicação contribuem diretamente com a formação da imagem que os indivíduos e a sociedade vão construir sobre o objeto. É natural que, em uma estrutura capitalista, o setor econômico ganhe mais espaço em relação a outros aspectos da vida humana. Mas as condições de sobrevivência da humanidade vão além da necessidade de produzir alimentos.

As pesquisas científicas mostram resultados e previsões catastróficas causadas pela relação de consumo desenfreado estabelecido, em geral, do homem para com a natureza. É por isso que, maiores do que a preocupação com a quantidade de alimentos para suprir a necessidade global, são os questionamentos sobre a maneira com que o alimento será produzido. Fator que pode determinar os rumos da humanidade. Por isso, dissociar a

produção rural das questões ambientais parece cada vez mais imprudente. Essa é uma questão que envolve atenção de várias áreas do conhecimento e exige da comunicação um posicionamento crítico.

Para Juan Diaz Bordenave (1983, p.7) comunicação rural é “O conjunto de fluxos de informação, de diálogo e de influência recíproca existentes entre os componentes do setor rural e entre eles e os demais setores da nação afetados pelo funcionamento da agricultura [...]”. O Jornalismo Rural, responsável por parte importante deste fluxo de informações, tem, a cada ano que passa um desafio maior. O setor transforma-se rapidamente e exige dos veículos e profissionais que o fazem um esforço constante para acompanhá-lo. Na verdade, em muitos casos estar à frente, antecipando possibilidades, tecnologias, problemas e soluções. Vários segmentos do setor estão à frente e ganham destaque dentro do Jornalismo Rural, como o econômico, por exemplo. Mas um em especial, levanta muitas críticas dos maiores pesquisadores sobre o tema: o Jornalismo Ambiental.

Para amparar teoricamente esta pesquisa foram necessárias leituras de autores que se dedicam aos objetos que esta pesquisa pretende estudar e à relação entre elas. Wilson da Costa Bueno, jornalista, doutor em comunicação, com especialização em Comunicação Rural e com vários trabalhos em Jornalismo Especializado, entre eles Ambiental e Agribusiness, foi referência absoluta para esta pesquisa. É dele o conceito de Jornalismo Ambiental utilizado neste projeto.

Simplificadamente, podemos conceituar o Jornalismo Ambiental como o processo de captação, produção, edição e circulação de informações (conhecimentos, saberes, resultados de pesquisas, etc.) comprometidas com a temática ambiental e que se destinam a um público leigo, não especializado. (BUENO, 2007, p 35)

Bueno (2007) cita como funções principais do Jornalismo Ambiental a informativa, a pedagógica e a política. A função educativa, aliás, aparece na legislação brasileira. É a lei n 9.795, de 27 de abril de 1999 que instituiu a Política Nacional de Educação Ambiental. No artigo terceiro, “[...] aos meios de comunicação de massa, colaborar de maneira ativa e permanente na disseminação de informações e práticas educativas sobre meio ambiente e incorporar a dimensão ambiental em sua programação [...]” Sobre isso, o jornalista e biólogo Eduardo Geraque complementa.

Para que a mídia possa cumprir uma se duas funções dentro do Jornalismo Ambiental, que é a de enxergar o problema com todas as suas nuances e transversalidades, para depois exigir dos responsáveis algum tipo de solução, não basta apenas uma ou duas

ligações telefônicas. Faz parte do ofício, também, mergulhar no assunto. Entrar na espiral de relações que a natureza oferece. Na teia de significações. Na história humana. No povo ribeirinho. Nos grandes empresários (GERAQUE, 2007, p.79).

Ao conceituar a visão sobre as funções dos meios de comunicação de informar, educar, denunciar e ajudar a construir uma representação social com valores adequados na relação entre o campo, a cidade e o meio ambiente, este trabalho propõe uma reflexão sobre os conteúdos exibidos pelos programas MS Rural e Globo Rural.

5 METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS

Este trabalho baseou-se no recorte dos quatro primeiros meses de 2016 dos programas selecionados como objeto de estudo. Foram analisados os conteúdos postados nas páginas dos respectivos programas na internet. A transposição de conteúdo das mídias é um objeto bastante estudado por teóricos. Foi por meio de pesquisas e reflexões aprofundadas em várias áreas que surgiram termos como a intermidialidade. Rajewsky (2005, p. 18) conceitua “intermediático” como “aquelas configurações que têm a ver com cruzamento de fronteiras entre as mídias e que, por isso, podem ser diferenciadas dos fenômenos intramidiáticos assim como os transmidiáticos”.

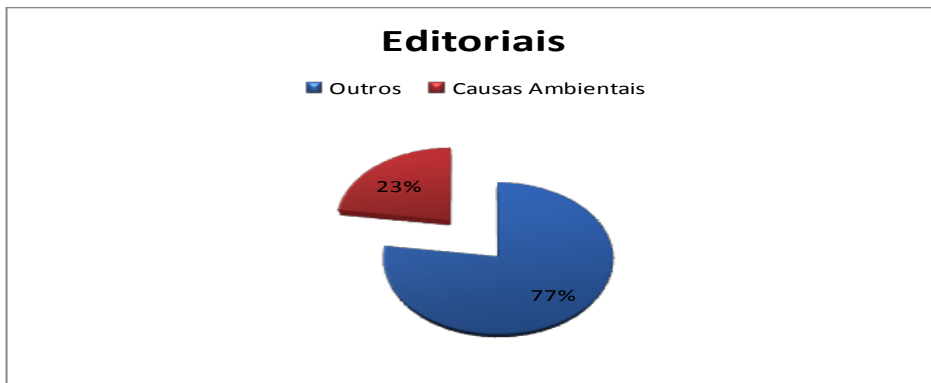
Esta decisão metodológica poderia colocar em risco a inferência dos resultados se outros elementos do meio primário de veiculação, no caso a TV, pudessem interferir na coleta de dados. Mas como este primeiro momento da pesquisa não busca avaliar profundamente o conteúdo sobre uma perspectiva ideológica, por exemplo, elementos como o tempo de comercial, anunciantes, programas que antecedem ou são exibidos depois, não interferem nos resultados obtidos.

O método de Análise de Conteúdo de Bardin (2011) foi o escolhido para direcionar este projeto. A autora divide o processo em três etapas principais: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Foram escolhidas palavras-chave para identificar os assuntos relacionados com o tema a partir dos títulos. São elas: meio ambiente, preservação, educação ambiental, natureza, ecologia, ecológico, desastres, agrotóxicos, fauna, flora, bioma, ecossistema, vida, ação do homem. Foram encontradas reportagens que fugiram ao filtro, e dessa forma foram incorporadas ao *corpus* por terem as palavras no texto da reportagem ou por tratarem o assunto indiretamente. Para a análise quantitativa do conteúdo foram somados os tempos

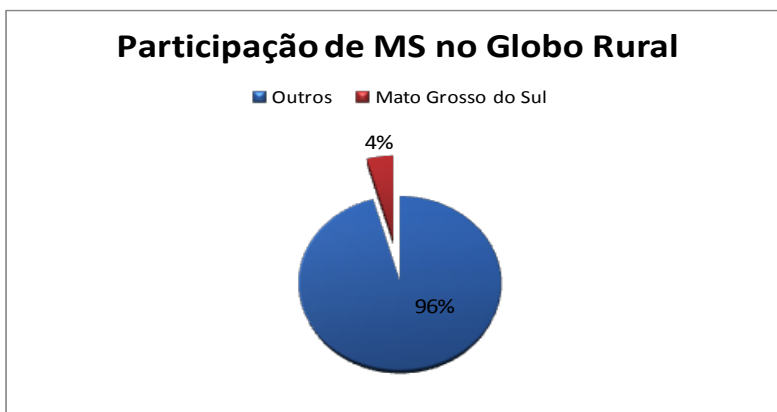
totais dos dois programas e os tempos destinados às questões ambientais. Os dados aparecem no formato hora: minuto:segundo. No caso do Globo Rural, estes dados permitem mostrar a proporção do espaço dado ao ambiental no programa. A amostra tem 10:37:46 de programação. O tempo de reportagens com tema relacionado à causa ambiental é de 2:25:12. Com isso infere-se que o jornalismo ambiental está presente em mais de 20% da amostra, como demonstra o gráfico a seguir:

Autora: Eloise Saldívar Silveira



Foi quantificada, também, a visibilidade dada ao estado de Mato Grosso do Sul no programa nacional, correspondente do programa regional. Os dados mostram que o Estado apareceu em 27:49:00 do total, o que representa menos de 5% do total, como representa o gráfico a seguir.

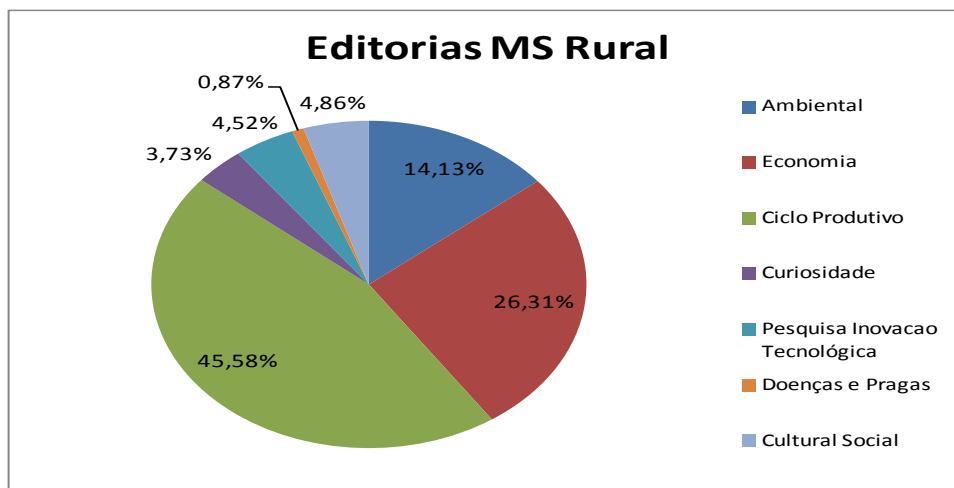
Autora: Eloise Saldívar Silveira



Na pequena porcentagem de tempo em que Mato Grosso do Sul aparece no Globo Rural não estão reportagens relacionadas ao meio ambiente. Prevalcem matérias de cunho econômico, orientações técnicas e culturais.

A análise quantitativa do programa MS Rural, referente aos programas veiculados entre 01/01/2016 e 30/04/2016, levou em consideração o tempo total do recorte de 3:46:57. Para fazer as inferências, foi adotada uma categorização dos assuntos abordados e na sequência um agrupamento de matérias relacionadas a cada categoria, metodologia que possibilitou avaliar os assuntos que ganham visibilidade e seus respectivos espaços dentro do programa. As categorias estabelecidas foram: economia – que levam no título palavras vinculadas a questões financeiras como “lucro” e “prejuízo”, por exemplo – ambiental (com palavras já mencionadas neste trabalho como ambiental, impactos, natureza, ecologia), ciclo produtivo (abordagem da rotina de produção como plantio, desenvolvimento do cultivo, colheita, abate), curiosidades (tratamento de surpresa ou diferença relacionado a fenômenos que fogem ao cotidiano), pesquisa e inovação tecnológica (reportagens que apresentam soluções, abordagens científicas e de implementação de novidades), doenças e pragas (abordadas fora do contexto econômico ou de ciclo produtivo), cultural e social (com destaque para tradições, costumes, questões históricas). É claro que há uma interface entre alguns assuntos, mas a predominância de um sobre o outro foi critério de escolha na categorização. Com base nos tempos calculados para cada categoria em relação ao tempo total da amostra temos os resultados demonstrados abaixo.

Autora: Eloise Saldívar Silveira



Nota-se a partir dos dados acima que a predominância no programa está em relação aos ciclos produtivos, como início do plantio, desenvolvimento da produção, campanhas que atendem a legislação, início e término de colheita, entre outros. Em segundo lugar está a economia, com assuntos que mostram da perspectiva de lucro ou prejuízo, vantagens ou

desvantagens, problemas ou soluções referentes ao capital. A sustentabilidade aparece em terceiro lugar na lista de maiores espaços de veiculação. Neste ponto das inferências de dados é preciso fazer uma ressalva. O período de amostragem compreende o prazo final para que o produtor rural fizesse o cadastramento no Cadastro Ambiental Rural - C.A.R.⁸

Por esse motivo, foram enquadradas como ambientais todas as matérias relacionadas ao assunto, já que o nome contém palavra pré-estabelecida para filtro da pesquisa. Essas matérias têm, em sua grande maioria, uma função de serviço para os produtores, sem necessariamente abordar causas ambientais que envolvem análises críticas. As reportagens relacionadas ao C.A.R foram mais freqüentes no programa regional do que no nacional.

Para finalizar a análise dos dados, cabe um comparativo entre o espaço dado ao jornalismo ambiental nos dois programas. Dessa forma é visível que no cenário nacional, por meio do programa Globo Rural, as causas ambientais ganham mais visibilidade do que no programa correspondente no estado de Mato Grosso do Sul, o MS Rural. Há de se levar em consideração a diferença de tempo total de cada programa, porém, proporcionalmente, fica evidente a constatação. Enquanto no Globo Rural, as questões ligadas ao meio ambiente chegam a 23% do todo, o MS Rural fica abaixo dos 15%.

6 CONCLUSÕES

Esta análise, apesar de ser uma abordagem inicial do tema, é bastante esclarecedora para a definição de caminhos metodológicos e teóricos a serem abordados pela pesquisa. De imediato, é possível traçar um diagnóstico, ainda que situado à amostra, sobre objeto de estudo.

A partir dos dados coletados e suas inferências é possível interpretar que, o espaço para as questões ambientais existe nos programas estudados. É evidente, no entanto, que este espaço quantitativo está sujeito a uma série de avaliações, sobre as perspectivas das mais variadas teorias. Uma análise qualitativa mais aprofundada faz-se necessária. A

⁸ O Cadastro Ambiental Rural – CAR é um registro eletrônico, obrigatório para todos os imóveis rurais, que tem por finalidade integrar as informações ambientais referentes à situação das Áreas de Preservação Permanente - APP, das áreas de Reserva Legal, das florestas e dos remanescentes de vegetação nativa, das Áreas de Uso Restrito e das áreas consolidadas das propriedades e posses rurais do país. Criado pela Lei 12.651/2012 no âmbito do Sistema Nacional de Informação sobre Meio Ambiente - SINIMA, o CAR se constitui em base de dados estratégica para o controle, monitoramento e combate ao desmatamento das florestas e demais formas de vegetação nativa do Brasil, bem como para planejamento ambiental e econômico dos imóveis rurais. Fonte: car.gov.br .

pesquisa prévia esclarece, também, que a visibilidade de Mato Grosso do Sul no programa Globo Rural é pequena, se comparada à representatividade do Estado no setor.

Dentro desse espaço, a produção rural no Estado está vinculada, principalmente, às questões econômicas, científicas e culturais. Mato Grosso do Sul, que abrange o Pantanal, o Cerrado, a Mata Atlântica e todas as suas preocupações quanto ao futuro de seus biomas, não participou no período estudado com produções voltadas ao meio ambiente. Cabe, portanto, avançar na investigação e entender o motivo dessa dissociação. Surgem hipóteses relacionadas a rotinas de produção, critérios de noticiabilidade ou outros fatores que possam interferir na produção de notícias, muito estudadas pelas teorias do *newsmaking*.

Por fim cabe avaliar que o MS Rural concentra suas reportagens em assuntos da rotina da produção agrícola e suas perspectivas econômicas. O ambiental aparece em terceiro lugar nas ocorrências. Em uma etapa posterior da pesquisa, caberá avaliar os reflexos dessa cobertura, a partir da perspectiva da responsabilidade do setor rural com os impactos ambientais, a responsabilidade do jornalismo com a educação ambiental e as influências na construção social da realidade.

7 REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, LDA, 2011.

BELMONTE, R. V. **Cidades em mutação**: Menos catástrofes e mais jornalismo. São Paulo: Summus Editorial, 2014

BORDENAVE, J. D. **O que é comunicação rural**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

BRASIL, Ministério da Agricultura. **Projeções do Agronegócio**: Brasil 2014/2015 a 2024/2025. 2015. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br>>. Acesso em: 30 dez. 2015.

BRASIL. **Lei n. 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. 1999. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm>. Acesso em: 30 dez. 2015.

BUENO, W. C. **Jornalismo Ambiental**: explorando além do conceito Desenvolvimento e Meio Ambiente. Curitiba: Editora UFPR, 2007.

CARRO, Maria Jesús Casals. **Mensajes Periodísticos Y Sociedad del Conocimiento**. Madrid: Fragua Editorial, 2004.

CONAB, Companhia Nacional de Abastecimento. **MS é o quinto maior produtor de grãos do Brasil**. Disponível em:<<http://www.conab.gov.br/>>. Acesso em: 30 dez. 2015.

EMBRAPA. **Agrotóxicos no Brasil**. 2015. Disponível em: <http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/agricultura_e_meio_ambiente/arvore/CONTAG01_40_210200792814.html>. Acesso em: 30 dez. 2015.

FAMASUL, Federação da Agricultura e da Pecuária de Mato Grosso do Sul. **Estimativas da Agropecuária**. Disponível em:<<http://famasul.com.br/>>. Acesso em: 30 dez. 2015.

FISCHER, R. M. **Televisão & Educação: fruir e pensar a TV.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FUNDAÇÃO MATA ATLÂNTICA. **Dados mais recentes.** Disponível em: <<https://www.sosma.org.br/projeto/atlas-da-mata-atlantica/dadosmais-recentes/>>. Acesso em: 30 dez. 2015.

GERAQUE, E. **Jornalismo e ecossistemas parecem (mas não são) eles perdidos.** São Paulo: Summus. 2007.

GOMES, M. A. F; BARIZON, R. R. M. **Panorama da contaminação ambiental por agrotóxicos e nitrato de origem agrícola no Brasil: cenário 1992/2011.** Jaguariúna: Embrapa Meio Ambiente, 2014.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Dados Mato Grosso do Sul atualizados.** Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?coduf=50>>. Acesso em 30 dez. 2015.

INSTITUTO SOS PANTANAL. **O Pantanal está ameaçado pelo avanço da soja.** 2015. Disponível em: <<http://www.sospantanal.org.br/o-pantanal-esta-ameacado-pelo-avanco-da-soja/>>. Acesso em: 30 dez. 2015.

LANE, Silvia T. M. CODO, Wanderley. **Psicologia Social: o homem em desenvolvimento.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

MAZOYER, M. **História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea.** São Paulo: Editora UNESP, 2010.

MOURÃO, L. M; OTA, D. Notícias Rurais na TV Local: o pioneirismo do MS Rural. **Comunicação & Mercado/UNIGRAN - Dourados - MS**, vol. 01, n. 02 – edição especial, p. 242-249, nov. 2012. Disponível em: <<http://www.unigran.br/mercado/paginas/arquivos/edicoes/1N2/20.pdf>>. Acesso em: 30 dez. 2015.

RAJEWSKY, Irina O. **Intermedialidade e Estudos Interartes: desafios da arte contemporânea.** Thais F Diniz, organizadora. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SCHARF, R. **Verde como dinheiro: Economia sustentável é utopia, contradição ou lucro certo?** São Paulo: Summus Editorial. 2014.